

A prosódia como elemento formador da proficiência em língua portuguesa

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3280>

Rosicleide Rodrigues Garcia¹
Cheila Aparecida Bragadin²

Resumo

Este estudo aborda como a oralidade é responsável pela compreensão dos textos orais em detrimento dos textos escritos, sendo ela objeto de desenvolvimento de competências e habilidades conforme determinado pela BNCC (BRASIL, 2018). Logo, observou-se a condição da prosódia em relação às gramáticas, levantando-se a discussão sobre o que há na BNCC quanto à importância dessa competência para a formação comunicativa dos falantes. Além disso, fez-se uma pesquisa com 291 pessoas, do Ensino Médio incompleto à Pós-graduação completa, sobre a interpretação do sentido de orações subordinadas causais e coordenadas conclusivas em textos escritos e orais. Assim, notou-se que houve mais erros de identificação quando ocorria somente a leitura autônoma do que quando os períodos eram lidos por um locutor, demonstrando que a entoação influencia a efetiva interpretação do sentido da sentença.

Palavras-chave: Fonologia; prosódia; entoação; BNCC; educação.

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; rhozzi@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9857-961X>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; cheilabragadin@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0000-4000-2025>

The prosody as a part of proficiency formation in Portuguese Language

Abstract

This study addresses how orality is responsible for understanding oral texts to the detriment of written texts, as object of developing skills and abilities once determined by the BNCC (BRASIL, 2018). Thereby, we observed the condition of prosody in reference to grammars; and we raised the discussion about BNCC regarding the importance of this competence for the communicative formation of speakers. Moreover, we carried out a survey with 291 people, from incomplete High School education to complete Postgraduate studies, on the interpretation of meaning of subordinate clauses causal and conclusive coordinates in written and oral texts. The survey showed that there were more identification errors when only autonomous reading occurred than when the periods were read by a speaker, thus demonstrating that intonation influences the effective interpretation of the meaning of the expressed sentence.

Keywords: Phonology; prosody; intonation; BNCC; education.

Introdução

Atrelando às pesquisas desenvolvidas no Projeto ExProsodia, a prática da sala de aula e o aprofundamento de estudos da área de Linguagens, especificamente do ensino de língua portuguesa, as autoras deste artigo detêm-se na compreensão de como os elementos da prosódia são significativos quanto à conquista da proficiência em língua portuguesa por parte dos falantes em geral.

Diante, também, da necessidade de entender as mudanças que se vislumbram a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento federal normativo, vimos considerar esse documento no que diz respeito à prosódia – o estudo das formas sonoras e suas funções quanto ao que se diz (BARBOSA, 2019).

Parece ser ponto pacífico o fato de a prosódia auxiliar a interpretação do sentido, entretanto, observa-se aqui como ela se torna muitas vezes fator primordial da compreensão efetiva. O que queremos dizer é que a perlocução não depende primordialmente da coesão/coerência ligada ao exercício da escrita, como se costuma exercitar nos materiais didáticos de Língua Portuguesa, mas principalmente do modo como isso é vivenciado pelo interlocutor (CAGLIARI, 2002). Assim, a hipótese é que, embora as orientações da BNCC tratem do desenvolvimento de competências ligadas à oralidade, haja ainda uma emergência de destaque e função em relação à abordagem da prosódia em sala de aula como elemento formador da comunicação efetiva.

Com o objetivo de verificar a funcionalidade e necessidade da prosódia para a interpretação de períodos complexos, foi realizada no Google Forms uma pesquisa de compreensão do sentido de algumas orações subordinadas e coordenadas com 291 pessoas, de 14 a 80 anos, que possuíam o grau de escolaridade do Ensino Médio incompleto à Pós-graduação completa. Nesse questionário, foram dispostas quatro orações subordinadas adverbiais em formato escrito e oral, sendo duas causais precedidas pela conjunção *como*, e duas coordenadas sindéticas conclusivas introduzidas pelo conectivo *portanto*. Ao apresentar as frases aos participantes, eles deveriam responder se as compreendiam como causa ou comparação; como finalidade ou conclusão.

De caráter inicialmente explanatório, este levantamento demonstrou que 7,2% das pessoas cometeram erro de compreensão ao lerem a oração causal, enquanto o áudio obteve 4,1% de erro. No caso da conclusiva, 20,6% dos participantes não reconheceram essa função no texto escrito, contra 13,4% do reconhecimento dela no áudio. Desse resultado, destaca-se que 73,8% dos participantes possuíam nível superior e pós-graduação completa, o que nos leva a pensar que, mesmo sendo um público considerado proficiente, a compreensão ligada à oralidade destaca-se percentualmente frente à escrita. Assim, sabendo-se que existe diferença de entoação entre as pessoas dependendo de seu grau de escolaridade (GARCIA, 2015; FERREIRA NETTO, 2018), essa pesquisa observou se a presença dessa variação prosódica em leituras de textos escolares auxilia a interpretação de frases formadas por períodos compostos.

A prosódia e a gramática

Aos estudos de prosódia cabe a análise fonética e fonológica das relações entre unidades silábicas, que são a base de constituição de relações entre unidades, no intuito de moldar um modo de falar para determinado fim. Assim, o estudo da prosódia não considera diretamente o conteúdo segmental, ou o “que se diz”, e sim a forma sonora e sua função ligadas ao “como se diz”. (BARBOSA, 2019, p. 21).

Ou seja, é certo que o “como se diz” é algo inerente ao ato de comunicação, o que inclui a entoação, o acento, a duração, além das pausas, hesitação, gestos, reparo, entre outros elementos constituintes da oralidade. Todavia, segundo Cagliari (2002, p. 38), em estudos gramaticais, “a parte sonora da linguagem oral só entra na descrição fonológica, marcando os segmentos e as unidades que irão compor os itens lexicais. Mais nada. O resto é uma fonética que simplesmente é deixada de fora”. O mesmo autor ainda comenta que os elementos prosódicos são tratados como adornos em diversos manuais, e que somente a *Gramática filosófica* de Jerônimo Soares Barbosa (século XVIII) abordava “a questão da linguagem oral, com precisão e competência [...]” (CAGLIARI, 2002, p. 41).

Logo, observando-se a parte destinada aos estudos fonético-fonológicos, mesmo que se dê importância à prosódia no ato comunicacional, é notório que ela constitui uma peça ínfima nos estudos sobre a língua portuguesa do Ensino Básico, seja nos manuais de estudos do idioma, seja pela própria BNCC, conforme veremos no item 2 deste artigo.

Não se pretende aqui defender a inclusão do ensino de prosódia como mais um tópico da gramática tradicional, mas sim demonstrar sua relevância enquanto constituinte da comunicação promotora da compreensão de sentido, tendo em vista que é por meio dos processos entoacionais que adquirimos a fala, a qual continua sendo necessária na formação nos primeiros anos do Ensino Básico (GARCIA, 2018). Desta forma, ainda consoante Cagliari (2002, p. 43), “os elementos prosódicos servem para ponderar os valores semânticos dos enunciados, sendo uma das formas de que dispõe o falante para dizer ao seu interlocutor como ele deve proceder diante do que ouve”.

Cagliari também faz uma reflexão de como os estudos de prosódia e de análise de discurso deveriam andar em conjunto, sabendo-se que a semântica de determinados períodos é determinada por todo o seu contexto, o que incluiria a forma como ela é realizada – e, em relação à forma, entende-se como a entoação foi dada ao texto. Tal apontamento não é mencionado nos manuais sobre o ensino da língua, tampouco na BNCC.

Para termos uma breve noção sobre o assunto, quando analisamos a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985), vemos que o capítulo destinado ao estudo de Fonética e Fonologia compreende os sons da fala, que faz referência ao aparelho fonador, seguindo para a compreensão de sons e fonemas – buscando a unidade mínima de sons da língua –, e classificações de vogais, consoantes, encontros vocálicos e consonantais, letra e alfabeto, notações léxicas e regras de acentuação. Além disso, ainda são realizadas algumas menções de caráter dialetológico acerca do português de Portugal, Brasil, África, Ásia e Oceania.

Na obra *Gramática escolar da Língua Portuguesa com exercícios* de Evanildo Bechara (2004, p. 586), as noções trazidas de fonética e fonologia são as mesmas da obra supracitada, além do acréscimo do capítulo sobre prosódia que a define como “a parte da fonética que trata do correto conhecimento da sílaba predominante, chamada sílaba tônica”.

Em relação aos manuais escolares, o livro didático *Aprender e praticar gramática* de Mauro Ferreira (2014) traz as noções de fonologia conforme apontado principalmente por Cunha e Cintra – excetuando o destaque para o funcionamento do aparelho fonador. Sendo assim, nessa obra não há registro sobre os demais elementos prosódicos, de maneira que o professor também não o faça com seus alunos, pois esses manuais funcionam como guias para quem os utiliza em sala de aula.

Percebemos que a falta de importância da prosódia no ensino de língua portuguesa oral parece implicar perda significativa na compreensão dos elementos linguísticos, os quais aparecem geralmente registrados apenas em textos escritos. Segundo Dahlet (2006, p. 295), “não há linguagem sem entonação, então, é preciso concordar também sobre o fato de que a linguagem mental é dotada de entonação”. Ou seja, a partir do momento em que se há o domínio e aplicação da compreensão dessa leitura e interpretação com elementos prosódicos, facilita-se a interpretação do texto por meio da leitura autônoma, já que, consoante Barbosa (2019, p. 84), “a prosódia associada à estrutura sintática que o ouvinte recuperou com seu eventual auxílio (no caso de não congruência), o ouvinte deve usar conhecimento sintático de sua língua para guiar a interpretação do enunciado”.

A BNCC, a oralidade e a prosódia

A BNCC é “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7). Logo, vê-se que temos um material cujo objetivo é dimensionar, assim como promover, a formalização das aprendizagens essenciais da Educação Básica. A BNCC visa à organização quanto às “aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Idem).

Diante disso, detivemo-nos a verificar a ocorrência dos termos *oralidade*, *prosódia* e *entoação* com o intuito de conhecer o papel que a prosódia ocupa na determinação pretendida quanto às aprendizagens essenciais no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa.

Nessa busca, notou-se que o termo ‘oralidade’ aparece 54 vezes no texto desse documento, ‘prosódia’, por sua vez, aparece apenas uma única vez. Em relação à “entoação”, descrita como “entonação”, esta possui 13 ocorrências nas partes do documento que justamente se referem à prática de leitura para compreensão de efeitos de sentido. Quanto à ‘habilidade’, o termo ‘entonação’, por ‘entoação’, está relacionado à pontuação, oralidade, composição e planejamento de textos – todos referentes à análise linguística e semiótica.

O tema oralidade aparece pela primeira vez na página 58, no item 4 “A etapa do Ensino Fundamental, do sumário, sob o tópico “O Ensino Fundamental no contexto da Educação Básica”, em abordagem bastante ampla quando se trata da fase de desenvolvimento de crianças da faixa etária a partir do 5º ano, ou seja, 11 anos. Segue o trecho.

Ampliam-se também as experiências para o desenvolvimento da *oralidade* e dos processos de percepção, compreensão e representação, elementos importantes para a apropriação do sistema de escrita alfabética e de outros sistemas de representação, como os signos matemáticos. (BRASIL, 2018, p. 58, grifo nosso).

O segundo momento em que se faz referência à oralidade está no subitem 4.1.1 Língua Portuguesa, e o termo mantém conotação pouco especificada:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela *oralidade*, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018, p. 58, grifo nosso).

O terceiro momento em que o termo oralidade aparece é quando a escrita do documento expõe a divisão dos eixos de enfoque da Língua Portuguesa, explicando que eles são “correspondentes às práticas de linguagem: **oralidade**, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (BRASIL, 2018, p. 68).

A partir de então, o termo aparece com maior recorrência sempre na perspectiva de se referir à versão da língua falada em oposição à língua escrita.

O Eixo da **Oralidade** compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de *game*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. (BRASIL, 2018, p. 78).

Dessa maneira, vemos que a concepção de oralidade está focada na versão falada da língua e na referência a gêneros textuais típicos da oralidade. Em relação à ampliação de habilidades ligadas à pontuação gramatical do texto escrito, o documento esclarece o uso da entoação para diferenciação de frases exclamativas, interrogativas e declarativas. Na produção de texto oral, há destaque para a necessidade de recitação de rimas, parlendas e trava-línguas. Por fim, no campo semântico, principalmente em se tratando de leitura e interpretação de textos jornalísticos e afins, algumas habilidades trazem a preocupação de que seja analisado o timbre de voz, características faciais e expressividade durante o exercício de elocução.

Ou seja, a BNCC de *Linguagens, códigos e suas tecnologias* (2018) considera os elementos prosódicos como fatores necessários para a compreensão, todavia, mesmo sendo um documento voltado aos profissionais da área, não há, de forma mais pontual, uma exposição que se aproxime de estudos mais específicos quanto à autonomia da prosódia e noções como proeminência, acento frasal, etc., tal qual ocorre com elementos sintáticos.

Assim, quanto à prosódia, sua referência aparece na explanação sobre o componente Língua Portuguesa, página 83 da BNCC, unicamente, na apresentação do Eixo da Análise Linguística/Semiótica, em um quadro referente aos campos de conhecimentos linguísticos, como um item de “Elementos notacionais da Escrita”: *Conhecer a acentuação gráfica e perceber suas relações com a prosódia*. (BRASIL, 2018, p. 83, grifo nosso). Isto é, tem-se uma visão da prosódia como se costuma aparecer nos manuais gramaticais, e não como um elemento formador essencial da comunicação, como veremos no próximo item.

A entoação e a tessitura na avaliação e orações de períodos complexos

De acordo com Mateus *et alii* (1990, p. 193, *apud* CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2003), define-se a tessitura como “a escala melódica do falante, i.e. os limites em que se situam os seus valores mais altos e mais baixos de F_0 , quando fala normalmente”, não podendo ser confundido com a entoação que, segundo Cagliari e Massini-Cagliari (Idem), “é construída sobre as variações de F_0 nos limites do enunciado”.

Tendo isso em vista, trouxemos à reflexão a análise de orações subordinadas causais e coordenadas conclusivas, pois é comum, na sala de aula, os alunos apresentarem dúvidas quanto a essa categorização de tipos de orações.

Sobre esse tema de estudo da sintaxe, Pezatti (2002) menciona que as orações coordenadas assindéticas conclusivas costumam ser confundidas com as subordinadas consecutivas ou mesmo causais. Com o intuito de expor esse problema de ensino, um dos exemplos estudados pela autora usa o seguinte período composto: *O narciso é uma flor, portanto, pertence ao reino vegetal* – o qual demonstra que poderia haver uma subordinação em que a segunda oração estabeleceria uma relação de consequência quanto à primeira, de modo que haveria uma dependência semântica entre elas. Ou, afirma ela, que o conceito de causa pode ser entendido pelo interlocutor por meio de uma associação que envolveria tempo e condição, estabelecendo um vínculo cronológico entre as duas.

Por outro lado, consoante Neves (1999, p. 461), as orações subordinadas causais possuem “um esquema lógico ligado à relação condicional, mas a discussão sobre esses esquemas não é determinante num exame que se pretenda linguístico, já que ela implica desvinculação das implicações do enunciado”. Essa autora ainda cita Sweetser ao afirmar que “uma interpretação ‘correta’ não depende da forma, mas de uma escolha pragmaticamente motivada entre considerar construções como representação de unidades de conteúdo, ou de entidades lógicas, ou de atos de fala”. E tais afirmações podem ser constatadas, quando percebemos que os alunos sentem dificuldades em caracterizar as relações de motivo-consequência que há em determinados registros.

Entretanto, mesmo havendo dúvidas e particularidades, a pesquisa de Pezatti (2002, p. 221) constatou que os períodos introduzidos pelo conectivo *portanto* tendem a explicitar o valor conclusivo, embora possua uma matriz circunstancial. Enquanto os dados gerados por Neves (1999, p. 494) observam que as construções causais iniciadas pelo marcador semântico *como* têm uma função temática e representam informações compartilhadas.

Devido a essas abordagens, vemos que as sentenças coordenadas exigem maior articulação de seus locutores, seja na dimensão da escrita ou da fala, devido ao seu desenvolvimento. Isso nos leva a identificar um modelo de entoação, e até tessitura, tendo em vista que são períodos introduzidos por marcadores com valores semânticos pré-determinados seguindo as análises de Pezatti e Neves, já que é possível considerar que os elementos prosódicos utilizados na leitura das orações avaliadas puderam contribuir de alguma forma para a interpretação dos textos.

Em busca de mais esclarecimentos, utilizou-se o aplicativo *ExProsodia*® (2010) para a análise da leitura do seguinte texto “ele nunca fez dívidas; portanto, sua conta corrente sempre estava no azul” de duas professoras de língua portuguesa, e foi possível observar que as profissionais, mesmo distantes e sem uma combinação prévia da leitura realizada, apresentaram elementos entoacionais semelhantes.

No caso, o programa traz as seguintes ocorrências para o uso das coordenadas conclusivas:

- duas frases entoacionais, isto é, houve dois agrupamentos distintos de palavras fonológicas: a primeira refere-se ao trecho “ele nunca fez dívidas”, e a segunda, à parte “portanto, sua conta corrente sempre estava no azul”;
- a direção da curva de F_0 na primeira frase entoacional foi descendente (grave) – função conclusiva, de encerramento; e, na segunda, ascendente (aguda) – função de continuidade (TROUBETZKOY, 1964) ou questionamento;
- a finalização foi autêntica na primeira frase, o que representa mais expressividade do que a segunda, que traz uma finalização plagal, ou seja, com pouca cadência.

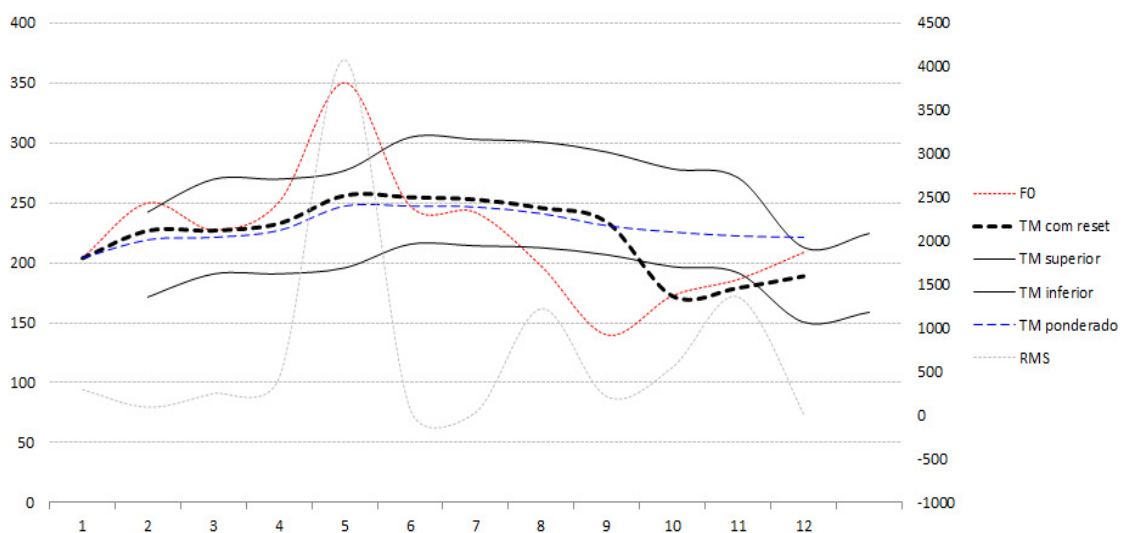
Tabela 1. Análises do ExProsodia quanto ao número de frases entoacionais e suas características produzidos pelos controles

Uso do conectivo PORTANTO em coordenadas conclusivas				
EXEMPLO A	MÉDIA DE F_0	DIREÇÃO	MOVIMENTO	FINALIZAÇÃO
Frase Entoacional 1	233,93	descendente	pontual	autêntica
Frase Entoacional 2	188,71	ascendente	oblíqua	plagal
EXEMPLO B				
Frase Entoacional 1	197,82	descendente	oblíqua	autêntica
Frase Entoacional 2	177,30	ascendente	pontual	plagal

Fonte: Elaboração própria

Em relação à tessitura, nota-se que cada gráfico apresenta formas similares de F_0 , mantendo a individualidade comunicativa.

Gráfico 1. Leitura do texto “Ele nunca fez dívidas; portanto, sua conta corrente sempre estava no azul” realizada pela Professora 1



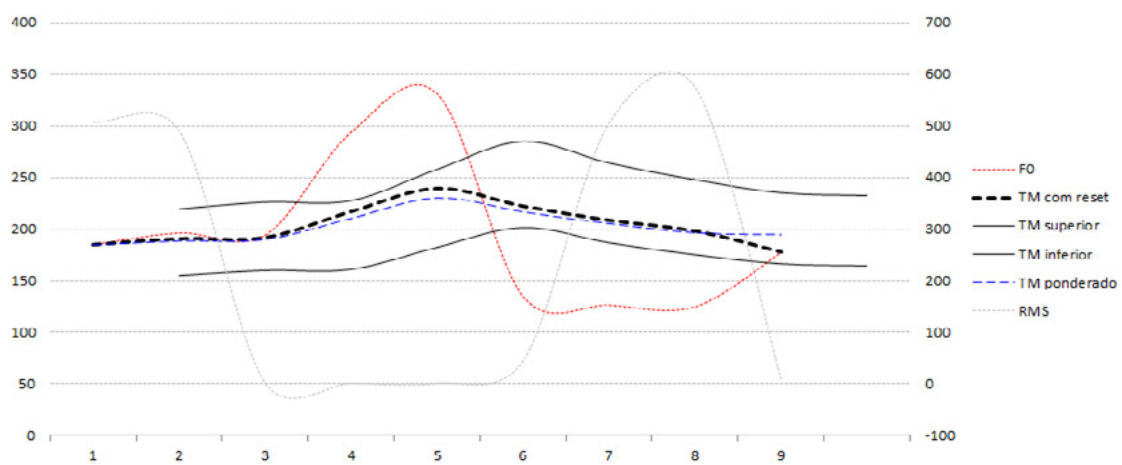
Fonte: Elaboração própria

No gráfico 1, que se refere ao exemplo A da tabela 1, o movimento de F_0 foi pontual na primeira frase entoacional – ou seja, exigiu-se a retomada da tensão inicial durante a formação dos ciclos da fala (FERREIRA-NETTO, 2016) – e oblíquo na segunda. Dessa

forma, nota-se que a partir da retomada de “portanto” em 5 ms, o seguimento ascende no trecho final (de 10 a 12 ms) e com o tom médio sem proeminências.

No gráfico 2, o movimento de F_0 inverteu-se, sendo oblíquo na primeira frase entoacional e pontual na segunda. Isto é, notou-se maior tensão no primeiro período da oração, determinando mais ênfase à informação. Todavia, o segundo período coincide com o gráfico anterior, demonstrando uma mesma oratória.

Gráfico 2. Leitura do texto “Ele nunca fez dívidas; portanto, sua conta corrente sempre estava no azul” realizada pela Professora 2



Fonte: Elaboração própria

Em todos os casos, notamos que o tom médio (TM) sofreu elevações no ponto em que temos a introdução da conjunção *portanto*. Logo, mesmo que as tessituras sejam particularizadas, outros elementos são capazes de gerar uma comunicação/interpretação comum aos demais interlocutores por se tratarem de pontos equivalentes.

Tabela 2. Análises do ExProsodia quanto ao número de frases entoacionais e suas características produzidos pelos controles

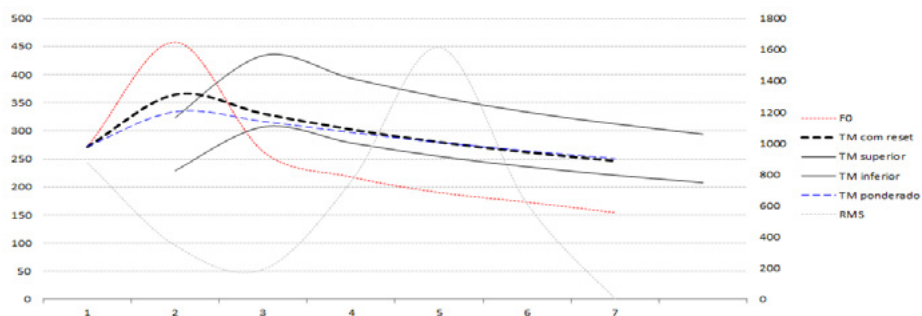
Uso do conectivo COMO em subordinadas causais				
EXEMPLO A	MÉDIA DE F0	DIREÇÃO	MOVIMENTO	FINALIZAÇÃO
Frase Entoacional 1	247,15	descendente	oblíqua	autêntica
EXEMPLO B				
Frase Entoacional 1	179,42	descendente	oblíqua	Plagal

Fonte: Elaboração própria

Caso semelhante ocorreu na análise da leitura de uma oração subordinada adverbial causal. Seguindo os apontamentos de Neves (1999), na segunda análise foi utilizada uma causal anteposta iniciada por *como*, cujo exemplo analisado foi: “Como tivemos que sair mais cedo, não conseguimos limpar o quintal”. De acordo com Castilho (2010, p. 373), períodos oracionais causais pospostos trariam “o estatuto de sentenças ‘hipotáticas de realce’”, e, ao observamos as informações desenvolvidas pelo *ExProsodia*, notamos que a relação existente entre a subordinada e a oração principal é tão sensível que ambas constituem uma única frase entoacional nos dois casos estudados.

Assim, notamos que, em se tratando da direção da curva de F_0 , os gráficos 3 e 4 são descendentes, marcando uma finalização mais grave.

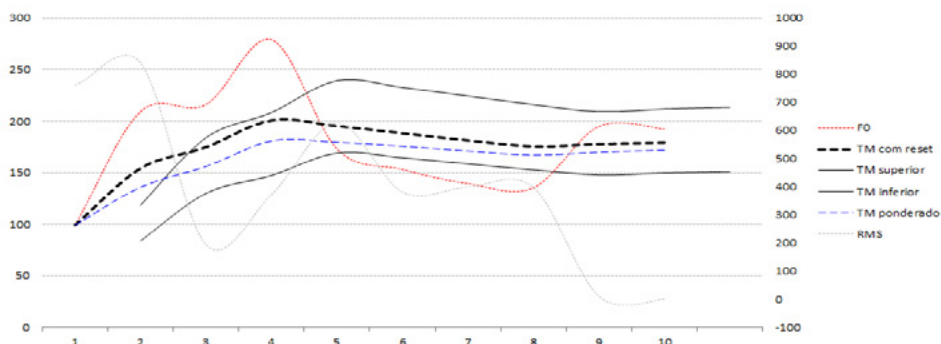
Gráfico 3. Leitura do texto “Como tivemos que sair mais cedo, não conseguimos limpar o quintal” realizada pela Professora 1



Fonte: Elaboração própria

Em relação à finalização, no gráfico 3 temos a autêntica, com mais articulação de fala. O gráfico 4, por sua vez, traz uma finalização plagal, isto é, o TM segue regular durante toda a produção da fala, sem muitas alterações em sua tessitura.

Gráfico 4. Leitura do texto “Como tivemos que sair mais cedo, não conseguimos limpar o quintal” realizada pela Professora 2



Fonte: Elaboração própria

Sobre as tessituras, é possível verificar que o movimento da curva de F0 foi oblíquo, não exigindo a retomada da tensão inicial durante a formação dos ciclos da fala, tendo em vista que, mesmo havendo dois períodos oracionais, foi formulada apenas uma frase entoacional. E, além da produção da frase entoacional e do movimento oblíquo da curva de F0, também é notável a proeminência do conectivo no início de cada oração, cuja curvatura formada por F0 é mais acentuada. Sendo assim, percebe-se que, no uso de uma causal, o tom da fala não traz tantas variações entoacionais quanto uma conclusiva.

Em se tratando das orações subordinadas adverbiais comparativa e de finalidade, que são opções de resposta do GoogleForms, o levantamento de seus valores entoacionais por meio de duas frases – (1) “Como um carro acelerado, ele saiu correndo pela rua” e (2) “Ele nunca fez dívidas para que sua conta corrente sempre ficasse no azul” – observa que, assim como as causais, elas apresentaram apenas uma frase entoacional. Todavia, existe distinção entoacional, pois a finalização dos três casos estudados foi autêntica, além de sempre haver pontos analisados que trazem maior expressividade, diferentemente das adverbiais de causa.

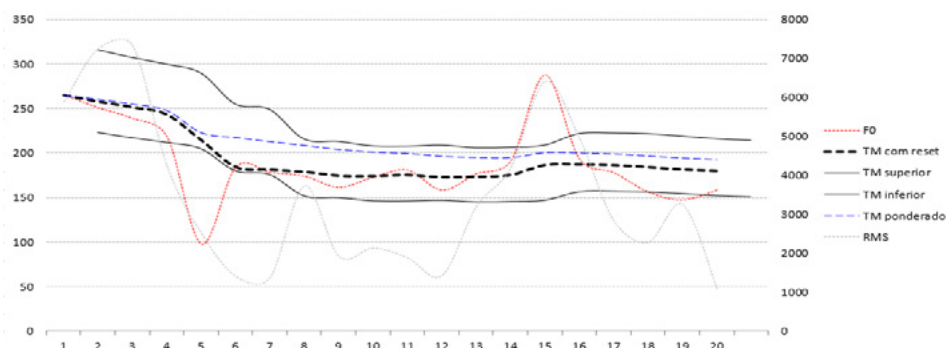
Tabela 3. Análises do ExProsodia quanto ao número de frases entoacionais e suas características produzidos pelos controles

Uso do conectivo COMO em subordinadas comparativas				
EXEMPLO A	MÉDIA DE F0	DIREÇÃO	MOVIMENTO	FINALIZAÇÃO
Frase Entoacional 1	248,40	ascendente	oblíqua	autêntica
EXEMPLO B				
Frase Entoacional 1	149,41	ascendente	pontual	autêntica

Fonte: Elaboração própria

No gráfico 5, a conjunção “como” inicia-se com o declive de F₀, para depois haver a ascensão nos termos seguintes, principalmente em “correndo”, onde há maior acentuação (cerca de 300 Hz). Essa movimentação indica uma frase com expressividade, em que as quedas e retomadas realçam determinadas informações do texto.

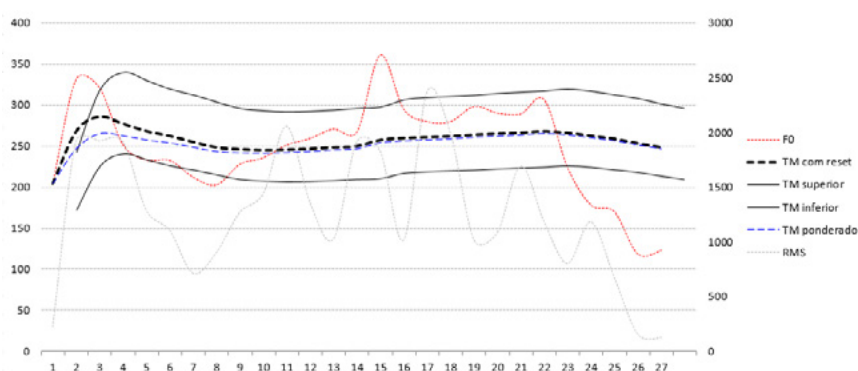
Gráfico 5. Leitura do texto “Como um carro acelerado, ele saiu correndo pela rua” realizada pela Professora 1



Fonte: Elaboração própria

No gráfico 6, é vista a acentuação do conectivo e do verbo “correr”. No entanto, o movimento é mais pontual do que a outra amostra, trazendo ainda mais expressividade aos períodos.

Gráfico 6. Leitura do texto “Como um carro acelerado, ele saiu correndo pela rua” realizada pela Professora 3



Fonte: Elaboração própria

Portanto, contrapondo as causais às comparativas, nota-se que, mesmo que haja pontos coincidentes (como o uso da conjunção e a execução de apenas uma frase entoacional), as orações principais das subordinadas que expressam causa não trazem pontos proeminentes de F_0 tais quais as ocorrências das que se classificam como comparação.

Por fim, nas subordinadas adverbiais finais há três frases entoacionais, distanciando-se das coordenadas conclusivas que mostraram a produção de duas. Além disso, a direção das finais é majoritariamente descendente, o que demarca o encerramento de ideias das frases, isto é, sem intenção de continuidade discursiva.

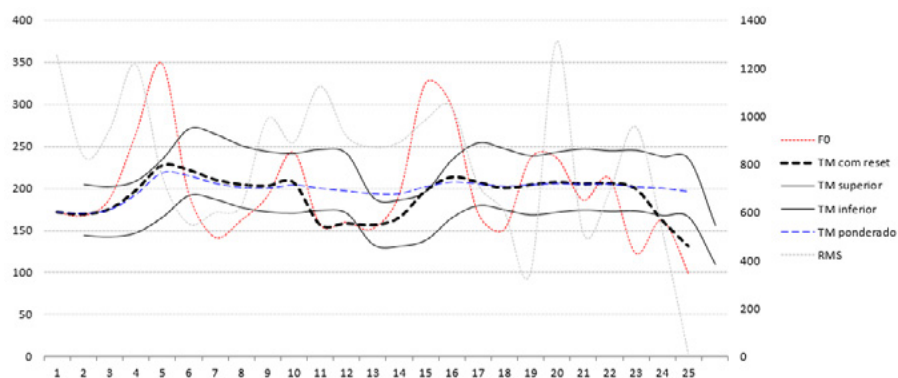
Tabela 4. Análises do ExProsodia quanto ao número de frases entoacionais e suas características produzidos pelos controles

Uso do conectivo PARA QUE em subordinadas finais				
EXEMPLO A	MÉDIA DE F₀	DIREÇÃO	MOVIMENTO	FINALIZAÇÃO
Frase Entoacional 1	207,10	ascendente	pontual	plagal
Frase Entoacional 2	199,78	descendente	pontual	autêntica
Frase Entoacional 3	130,96	descendente	pontual	autêntica
EXEMPLO B				
Frase Entoacional 1	215,60	descendente	pontual	autêntica
Frase Entoacional 2	219,17	descendente	pontual	plagal
Frase Entoacional 3	202,64	descendente	pontual	autêntica

Fonte: Elaboração própria

Por isso, mesmo que haja a ideia de encerramento, o movimento do gráfico 7 é pontual em todo o seu seguimento, com finalizações autênticas nas frases entoacionais 2 e 3. Logo, no desenvolvimento de F₀ nota-se uma formulação frasal extremamente expressiva, principalmente nos adjuntos adverbiais “nunca” (350 Hz) e “sempre” (cerca de 325 Hz).

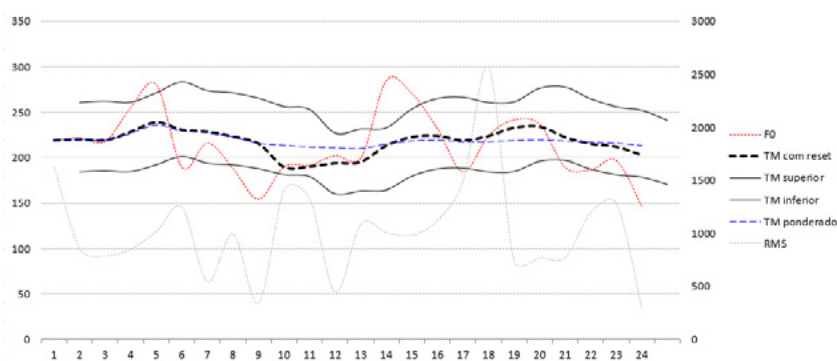
Gráfico 7. Leitura do texto “Ele nunca fez dívidas para que sua conta corrente sempre ficasse no azul” realizada pela Professora 1



Fonte: Elaboração própria

Coincidente ao exemplo A, o gráfico 8 novamente demarca uma tessitura primordialmente pontual, composta de finalizações autênticas em que os advérbios “nunca” e “sempre” realçam os dados mais salientes de F_0 que ficaram por volta de 300 Hz.

Gráfico 8. Leitura do texto “Ele nunca fez dívidas para que sua conta corrente sempre ficasse no azul” realizada pela Professora 3



Fonte: Elaboração própria

Ainda que as frases utilizadas como modelos para as coordenadas conclusivas e as subordinadas finais sejam semelhantes, os gráficos daquelas apresentaram pontos proeminentes na conjunção “portanto”, enquanto estas dão ênfase aos constituintes circunstanciais de frequência.

Metodologia

A trajetória de construção de dados foi realizada por meio de um questionário oferecido a 291 pessoas, pelo Google Forms, em redes sociais. Tal questionário foi aberto para o público de 14 a 80 anos, que possuíssem o grau de educação do Ensino Médio incompleto à Pós-Graduação. Foi tomada essa decisão por conta de o ensino de orações subordinadas e coordenadas estar marcado a partir do 9º ano do Ensino Fundamental, conforme as orientações anteriores a 2017. Logo, sabendo-se que tais habilidades de categorização teoricamente deveriam ter sido aprendidas no 9º ano, incluiu-se o EM com estudantes a partir de 14 anos.

O documento teve circulação livre e o público atingido pelo formulário elaborado foi majoritariamente de pessoas com Ensino Superior (mesmo que incompleto), sendo esses 71,67% dos participantes; 36% dos respondentes com idade entre 14 e 21 anos, e 65,9% de público feminino. Sendo assim, na tabela 5 há o número de acertos dos participantes para cada resposta avaliada, e, em destaque na parte inferior, subtraíram-se os valores para contabilizar os erros cometidos, sendo perceptível que o total de desvios em relação aos textos escritos é superior aos orais.

Para a análise, foram apresentadas quatro frases de período composto para os participantes decidirem qual seria o valor semântico apresentado por elas. Tal escolha ocorreu tendo em vista os manuais de gramática que costumam trazer séries de exercícios de classificação, muitas vezes constituídos por frases soltas e descontextualizadas, fazendo com que o aluno seja guiado pela presença da conjunção somente. Ademais, a leitura não costuma ser uma prática comum para o reconhecimento desse tipo de interpretação, cabendo ao aluno se guiar por meio de tabelas com listas de conectivos e suas prováveis determinações.

Tabela 5. Resultados da pesquisa de reconhecimento de tom lançada em março de 2021

GRAU DE ESCOLARIDADE	Participantes	CAUSA		CONCLUSÃO	
		ÁUDIO	TEXTO	ÁUDIO	TEXTO
Ensino Médio Incompleto	27	25	23	23	20
Ensino Médio Completo	49	47	45	39	38
Ensino Superior Incompleto	80	79	76	69	63
Ensino Superior Completo	48	45	48	43	40
Pós-graduação incompleta	9	8	9	8	7
Pós-graduação completa	78	75	69	70	63
TOTAL	291	279	270	252	231
RESPOSTAS ERRÔNEAS		12	21	39	60

Fonte: Elaboração própria

Sabendo-se dessa realidade, propôs-se testar como a entoação poderia ter um papel condutor nessas classificações. Conseqüentemente, a primeira seção trazia duas sentenças em formato de áudio, enquanto a segunda apresentava sentenças escritas. Embora trouxessem enunciados diferentes, cada seção possuía períodos com o mesmo valor sintático. Seguem as orações selecionadas para cumprir esses papéis:

1. Como tivemos que sair mais cedo, não conseguimos limpar o quintal.
2. Ele nunca fez dívidas, portanto, sua conta corrente sempre estava no azul.
3. Como nós sairíamos juntos, dividimos o valor do táxi.
4. Ela sempre foi proativa, portanto, dificilmente o chefe precisava lhe pedir complementação de serviço.

As orações (1) e (3) analisadas são classificadas como causais, e no questionário havia as opções de causa e de comparação, já que o conectivo *como*, dependendo de sua

utilização, tem valor semântico comparativo, causal ou conformativo. As (2) e (4), por sua vez, são coordenadas conclusivas, no entanto, conforme visto em Pezatti (2002), por haver a confusão de compreendê-las como subordinadas finais, foi registrada uma alternativa sobre isso, assim tínhamos as opções de conclusão e de finalidade, conforme visto na figura 1.

Figura 1. Reprodução do formulário

The figure displays two side-by-side screenshots of a Google Forms survey titled "Pesquisa sobre reconhecimento de tom". Both screenshots show the same form structure, including a header with the title, a user email address, and a "Não compartilhado" status. A red asterisk indicates a mandatory question. The left screenshot shows a question with a voice note link and two radio button options: "Há a ideia de comparação." and "É dada uma causa para uma situação.". The right screenshot shows a question with a text prompt and two radio button options: "Há a ideia de comparação." and "É dada uma causa para uma situação.". Both screenshots include a progress bar and navigation buttons like "Voltar", "Próxima", and "Enviar".

Fonte: Elaboração própria

Para compreender como se deu a entoação realizada pelas frases, utilizou-se o *software Speech Filing System* (HUCKVALE, 2013), que produz a análise e a conversão da curva de frequência fundamental e da curva de intensidade. Após, os valores de F_0 foram sequenciados pelo aplicativo *ExProsodia* (FERREIRA-NETTO, 2010), versão 2018, que consiste num sistema de análise automática da entoação na língua portuguesa, e que tem por objetivo "propor uma interpretação para a relação entre a entoação e a fala" (FERREIRA-NETTO, 2016, p. 6).

Dessa maneira, como o programa propõe que a entoação seja uma sucessão de sons, constitui-se portanto numa série temporal, pois o conjunto dos componentes criados pela frequência, intensidade e duração dos tons são sequenciadas e dependentes entre si (id, p. 8), decompondo o ritmo tonal em finalização (F), sustentação (S) e foco/ênfase (E), de acordo com a hipótese assumida por Xu e Wang (1997).

Por fim, para a análise dos resultados foram utilizadas comparações percentuais – de forma a esclarecer a diferença entre os dados –, e estatísticas por meio dos testes T e Z. Primeiramente, o teste T foi usado para verificar as médias amostrais dos grupos, tendo

em vista o valor referente ao número de respondentes da pesquisa. E, a fim de determinar se a diferença entre a média das amostras foi grande o suficiente para ser significativa estatisticamente, usou-se o teste Z.

Análise dos dados

Conforme anteriormente citado, a correlação que existe entre a compreensão de períodos complexos e a entoação pode favorecer a compreensão do texto e a identificação da informação que se deseja passar, ou seja, a entoação expressiva na produção oral de períodos compostos corrobora com a promoção da perlocução comunicativa.

Em avaliação mais detalhada da tabela 5, percebe-se que há aproximadamente 3,2% de diferença de erro entre o áudio e o texto escrito das orações causais, enquanto temos 8,3% de diferença de erro entre o áudio e o texto escrito das orações conclusivas. Ponderando percentualmente todos os respondentes, 95,87% dos participantes reconheceram os períodos causais na recepção do texto oral, contra 92,78% da recepção do texto escrito. Quanto às conclusivas, houve 86,59% de acertos em relação à escuta dos áudios, contra 79,38% de acertos em relação à leitura do texto escrito.

Os testes estatísticos demonstram que há variação significativa entre os dados percentuais. De acordo com o teste T sobre os períodos causais e conclusivos, todos os trechos ouvidos e lidos demandam um resultado de $P < 0,05$, compreendendo: áudio das subordinadas causais: $P = 0,001$; texto das subordinadas causais: $P = 0,02$; áudio das coordenadas conclusivas: $P = 0,004$; texto das coordenadas conclusivas: $P = 0,003$.

O teste Z traz valores ainda mais expressivos aos apresentados anteriormente: áudio das subordinadas causais: $P = 0,0001$; texto das subordinadas causais: $P = 0,0002$; áudio das coordenadas conclusivas: $P = 0,0001$; texto das coordenadas conclusivas: $P = 0,0001$.

No teste T, quando os valores dos áudios e dos textos escritos são comparados entre si, a diferença entre o número de acertos dos períodos causais não apresenta variação significativa, sendo $P > 0,05$ ($P = 0,4$). Porém, ao confrontar o resultado entre o texto das orações finais, há diferença significativa entre acertos e erros, com o $P = 0,009$.

Sendo assim, pode-se fazer uma relação entre os dados aqui expostos e as análises proporcionadas pelo aplicativo *ExProsodia*. Para isso, é importante mencionar a distinção entoacional em relação às frases, mesmo quando são muito semelhantes quanto ao uso dos vocábulos: no exemplo das orações coordenadas conclusivas e da subordinada adverbial final, as frases apenas se distinguem quanto ao uso dos conectivos (*portanto* por *para que*) e do verbo da segunda oração (*estava* por *ficasse*). Entretanto, essa particularidade não garante que a leitura delas seja realizada de maneira idêntica.

E, em relação aos testes quanto às causais e às comparativas, o uso da conjunção *como* também não confunde o leitor proficiente, de forma que, mesmo algumas frases entoacionais trazendo dados compatíveis (o mesmo movimento, direção e finalização entre uma amostra de oração conclusiva e outra de finalidade), o desenvolvimento do F_0 marcou onde havia a acentuação da frase e conseguiu desenhar a expressividade por meio da colocação do tom médio.

Logo, a avaliação aqui estabelecida expõe as noções entoacionais existentes entre as orações de período composto complexo, e demonstra que existem diferenças significativas quanto à sua compreensão em textos escritos e orais.

Considerações finais

Os estudos fonéticos experimentais apontam que as pessoas com grau de escolaridade entre Ensino Médio e Pós-Graduação completa apresentam maior número de acertos para aquilo que se ouve do que para aquilo que se lê. Verifica-se, assim, que o exercício da leitura do texto escrito em que a entoação esteja presente é caminho para a promoção da compreensão efetiva, visto que somente a presença dos termos expressos na escrita – como dito, o conectivo *como*, que aparece como comparação, causa ou conformidade, ou o próprio termo “conclusão” que pode equivocadamente ser compreendido como a finalização de uma frase – não é estratégia suficiente para a efetivação da proficiência comunicativa no ensino de língua portuguesa, seja no Ensino Básico, no Ensino Superior ou na Pós-Graduação.

Considerando o público o qual o formulário alcançou, percebe-se que a prática de classificação das orações de período composto foi realizada, todavia, a porcentagem de erros e a variação significativa apresentada pelos testes T e Z demonstram com mais evidência a importância da entoação para garantir a compreensão textual. Ou seja, assim como ocorre em nossa primeira infância (momento em que adquirimos a linguagem), a prosódia continua sendo elemento necessário para que alcancemos o nível da proficiência no ensino da comunicação em língua portuguesa.

Sendo assim, mesmo que o documento nacional ou qualquer outro não tragam essas considerações como aqui abordadas, eles podem ser complementados. Por isso, destacamos o trecho da BNCC, instrumento norteador da construção política do currículo:

Com a homologação da BNCC, as redes de ensino e escolas particulares terão diante de si a tarefa de construir currículos, com base nas aprendizagens essenciais estabelecidas na BNCC, passando, assim, do plano normativo propositivo para o plano da ação e da gestão curricular que envolve todo o conjunto de decisões e ações definidoras do currículo e de sua dinâmica. (BRASIL, 2018, p. 20).

Para encerrar, embora precisemos de mais estudos sobre o assunto, esta pesquisa propõe que a construção desses currículos e a formação e capacitação dos professores levem em consideração a importância da entoação no ensino de linguagem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, P. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. *Revista de estudos da linguagem*, v. 20. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2983.20.1.11-27>, Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2571/0>. Acesso em: 05 jul. 2021.

BARBOSA, P. *Prosódia*. São Paulo: Parábola, 2019.

BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 06 jul. 2021.

CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. Volume II: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 37-60.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa. *Razões e emoção – Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. p. 67-85. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34490268/tessitura_prosodia.pdf. Acesso em: 06 jul. 2021.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAHLET, V. A pontuação e as culturas da escrita. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 8, p. 287-314, 2006.

FERREIRA NETTO, W.; CONSONI, F. Estratégias prosódicas da leitura em voz alta e da fala espontânea. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. São José do Rio Preto. Online), v. 52, p. 521-534, 2008.

FERREIRA NETTO, W.; CONSONI, F.; PERES, D. O. Finalizações de frase em leituras e frases espontâneas em PB. In: 57º SEMINÁRIO DO GEL, 2009, Ribeirão Preto: UNAERP. jul. 2009. Disponível em: https://academia.edu/2272648/Finalizacoes_de_frase_em_leituras_e_fala_espontanea_no_PB. Acesso em: 06 jul. 2021.

FERREIRA NETTO, W. ExProsódia. *Revista da Propriedade Industrial – RPI*, 2038, p. 167, item 120, 2010. Disponível em: <http://revistas.inpi.gov.br/pdf/PATENTES2038.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FERREIRA, M. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 2014.

FERREIRA-NETTO, W. *ExProsódia: Resultados preliminares*. São Paulo: Ed. Paulistana, 2016.

GARCIA, R. R. *A entoação do dialeto caipira do Médio Tietê: reconhecimento, características e formação*. 2015. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/T.8.2015.tde-15102015-134727>.


GARCIA, R. R. O papel das professoras alfabetizadoras no desenvolvimento da entoação. *Estudos Linguísticos (São Paulo, 1978)*, v. 47, p. 33-43, 2018.

HUCKVALE, M. A. *Speech Filing System v.4.7/Windows SFSWin Version 1.7*, em 17/02/2008. Disponível em: <http://www.phon.ucl.ac.uk/resource/sfs>. Acesso em: 20 jul. 2013.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MILANEZ, W. *Pedagogia do oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português*. Campinas: Sama editorial, 1993.

NEVES, M. H. M. As construções causais. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado*. Volume VII: Novos estudos. Campinas: Unicamp, 1999. p. 461-496.



PEZATTI, E. G. As construções conclusivas no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. *Gramática do português falado*. Volume VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Unicamp editora, 2002. p. 185-225.

PILCH, H. *Intonation in discourse analysis*. *Phonetica*, 1977. p. 81-92.

TROUBETZKOY, N. S. *Principes de phonologie*. Tradução J. Cantineau. Paris: Klincksieck, 1964.

VASSOLER, A. M. O.; MARTINS, M. V. M. A entoação em falas teatrais: uma análise da raiva e da fala neutra. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 1, p. 9-18, 2013.

XU, Y.; WANG, Q. E. Component of intonation: what are linguistic, what are mechanical/physiological? In: *International Conference on Voice Physiology and Biomechanics*, Evanston Illinois, 1997.